

Funaro avisa ao PMDB que é candidato

SÃO PAULO — O ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro comemorou, com uma efusão raríssima em seu comportamento público, a aprovação da emenda por eleições diretas em 1988 e, agora, sem nenhuma timidez, assume, pela primeira vez, sua candidatura à Presidência da República: "sou candidato que não se lança. Mas, se o partido quiser, aceitarei, porque não sou homem de fugir de tarefas".

Tão candidato é à sucessão do presidente José Sarney — a quem "presenteou" com a popularidade do Plano Cruzado I, como gostam de lembrar seus assessores — que Funaro revela, sem disfarces, já estar estruturando um programa de governo para apresentar "à sociedade e aos políticos". O ex-ministro não admite oficialmente, mas seus amigos e auxiliares mais próximos informam que, se o PMDB não aceitá-lo, ele emigra para outra legenda, "não por interesses pessoais, mas para servir ao país".

Escritório — O escritório de campanha já funciona a todo vapor na Avenida Cidade Jardim, num elegante edifício, e vizinho a uma das mais modernas e bem freqüentadas academias de ginástica de São Paulo, a Gym. O espírito jovem dos freqüentadores do andar influenciou o ex-ministro, que abandonou, sem saudades, o ar circunspeto de homem da economia para adotar, com desembaraço, a jovialidade dos políticos. A mudança chegou a tal ponto que ontem Funaro — homem de poucos sorrisos — se permitiu soltar gostosas gargalhadas, diante da imitação da voz e da postura do presidente Sarney, por um cinegrafista da TV Bandeirantes que foi filmá-lo em seu gabinete. "Veja você", brincou o ator amador, diante de um candidato que segurava a barriga para conter as risadas — "puxaram o meu tapete".

O programa básico do candidato Dilson Funaro ainda não tem data para ficar pronto, mas os finais de semana da antiga equipe de assessores do Ministério da Fazenda — com os economistas Luis Gonzaga Belluzo e João Manuel Cardoso de Mello no comando — vêm sendo consumido por reuniões, análises de dados, atualização de gráficos, confecções de relatórios.

Ao mesmo tempo, Funaro amplia os horizontes e aumenta este pessoal básico de apoio com a inclusão de juristas, educadores e sociólogos, políticos e pesquisadores e, espertamente, de gente afinada com a causa municipalista — aquela que, ele sabe, será a base de sustentação da provável candidatura do atual governador de São Paulo, Orestes Quércia.

Viagens — Os senadores Mário Covas — que é, na avaliação de Funaro, o candidato mais viável dentro do PMDB, hoje — Severo Gomes e Fernando Henrique Cardoso e o presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães ainda são as pontes básicas dos contatos políticos do ex-ministro. Ele, decidiu, agora, intensificar o contato com parlamentares do PMDB, para abrir um raio próprio de atuação e fechar apoios à sua candidatura.

"Vou fazer agora" informa Funaro, "viagens mais constantes a Brasília e ampliar meus contatos com as bases do partido, com prefeitos e vereadores". Até hoje, em "campanha cívica" pelo Brasil, desde que deixou o Ministério, Funaro já esteve em 85 municípios e, em todos, repetiu à exaustão — tarefa que continuará a fazer — os três pontos básicos que hoje sustentam sua candidatura à Presidência e seu programa de governo, como ele mesmo revela. "O Brasil tem problemas substantivos: a questão da dívida externa, porque sem uma solução para ela, o país não terá possibilidade de desenvolvimento; a sustentação deste desenvolvimento; e a distribuição de renda".

Pronto para conquistar adeptos e ampliar seus conhecimentos sobre os sentimentos populares, o ex-ministro recebeu da publicitária Rose Saldiva uma cópia da pesquisa "Nostalgia, o caminho para o futuro", realizada pela agência Saldiva & Associados e publicada domingo no JORNAL DO BRASIL, indicando que a desilusão com a atual situação política do país está levando a classe média a voltar-se para o passado e, entre outras manifestações, a querer deixar o Brasil em busca de uma vida melhor. "A pesquisa", diz Funaro, "me ajudará a encontrar caminhos para contornar a desesperança popular e fazê-la, novamente, acreditar que o Brasil é um país viável".

Waldir acha possível parlamentarismo entrar em vigor mais tarde

SALVADOR — A adoção, do sistema parlamentarista em março do próximo ano, conforme decidido pela Comissão de Sistematização, pode não ocorrer. Esta é a opinião do governador Waldir Pires, que admite uma ampla negociação entre as forças políticas, visando a adiar a vigência do parlamentarismo para a partir da posse do futuro presidente da República. O que ele deseja irreversível é a duração de quatro anos para o mandato de Sarney, decisão para a qual teve participação importante, mudando os votos dos pemedebistas baianos Mário Lima, Virgildásio Sena, Francisco Pinto e Celso Dourado — este, o último a se render, foi acordado na madrugada de sábado por um telefonema do governador.

— Não pedi voto a ninguém, a nenhum companheiro. Refleti com eles sobre a desilusão geral, que ameaçava as instituições e poderia nos transformar numa sociedade cética ou cínica — observou, contestando as acusações de que teria, com seu colega de Pernambuco, Miguel Arraes, pressionado para mudar o voto de constituintes favoráveis aos cinco anos de mandato para o atual presidente.

Em Teresina, o governador do Piauí, Alberto Silva, disse que a Comissão de Sistematização cometeu "um ato de força" ao fixar em quatro anos o mandato de Sarney. De acordo com o governador, a Constituinte não tem competência para isso, e os constituintes não foram eleitos com essa finalidade. Alberto Silva acha que Sarney deveria recorrer à Justiça.

São Paulo — Ariovaldo dos Santos



Funaro já montou escritório de campanha

Quércia não acredita que plenário aumente mandato para 5 anos

SÃO PAULO — Ardoroso defensor do mandato presidencial de cinco anos, o governador Orestes Quércia admite que não há possibilidade de reverter no plenário da Constituinte a tendência pelos quatro anos. "Sempre defendi presidencialismo com cinco anos, mas temos de encarar a realidade como ela é e não como gostaríamos que fosse. Acho que ficou clara a tendência em favor dos quatro anos", disse Quércia, que discutiu o assunto por mais de duas horas com o governador do Rio Grande do Sul, Pedro Simon.

Quércia informou que conversara com o presidente José Sarney pela manhã, e sentiu que ele está tranquilo. "Não me parece que esteja pensando em revanchismo", disse o governador, acrescentando: "O presidente tem que se conformar".

Tanto Quércia quanto Simon disseram que a fase é de reflexões. "Enquanto a Constituinte continua seus trabalhos, comentou Quércia, "os governadores vivem uma fase de expectativa, de análises e conversas". O governador de São Paulo, negando mais uma vez que seja um dos *presidenciáveis*, acha que agora as campanhas "ganharão as ruas".

Embora concorde que a tendência é pelos quatro anos, Pedro Simon acredita na possibilidade de reversão do quadro. Para ele Sarney, ao acatar a decisão da Sistematização, "deu uma grande demonstração de espírito público e de democrata, deixando com a Constituinte a confirmação da definição". Simon diz que não se surpreenderia se, no plenário, prevalecessem cinco anos de mandato.

□ O assunto do dia era a aprovação do mandato de quatro anos para o presidente José Sarney, mas o governador Moreira Franco não quis se manifestar a respeito. No saguão do Palácio Guanabara, onde recebeu o grande número de jornalistas que esperaram todo o dia por uma entrevista, Moreira respondeu sem pressa a todas as perguntas sobre a questão do lixo nuclear no estado, explicando várias vezes o projeto de lei que vai sancionar hoje, proibindo a instalação de depósitos de lixo radioativo. Mas no momento em que as perguntas sobre política começaram a ser feitas, declarou que não tinha mais nada a dizer e saiu rapidamente em direção à porta dos fundos de seu gabinete.

Newton culpa presidente pela derrota

BELO HORIZONTE — O governador Newton Cardoso culpou o presidente José Sarney pela derrota do mandato de cinco anos na Comissão de Sistematização da Constituinte. Segundo o governador de Minas, "deputados não se conquistam com ameaças, mas com conversas, com explicações, com sensatez".

Defensor do sistema presidencialista, Newton Cardoso concentra agora neste tema os seus esforços e fez, também ele, uma ameaça: se o parlamentarismo for aprovado pelo plenário da Constituinte, "o presidente Sarney poderá dissolver o Congresso Nacional nos termos da Constituição aprovada, e convocar eleições em todos os níveis".

Newton Cardoso, que vai hoje a Brasília para, segundo disse, conversar com Sarney sobre mandato, sistema de governo e o afastamento do deputado Ulysses Guimarães, mudou de assunto quando perguntado se acreditava na aprovação do mandato de quatro anos, pelo plenário da Constituinte:

— O *Frentão*, que substitui agora o *Centrão*, dará muito apoio para aprovar o presidencialismo.

Felicidade — O governador afirmou ainda que a redução do mandato do presidente Sarney não afeta os governos estaduais, especialmente o seu. "O meu plano de governo é quadrienal e está sendo feito com muita felicidade", disse Newton Cardoso, que já recebeu este ano mais de CZ\$ 80 bilhões do governo federal.

Ele revelou ter sido informado por Sarney de que a estratégia a ser seguida em favor da aprovação, no plenário, do mandato de cinco anos, não incluirá "nada de diferente".

Depois de afirmar que não será candidato à sucessão do presidente Sarney, e que não acredita na candidatura de qualquer um dos governadores — "ninguém vai se arriscar a uma eleição no ano que vem, pois as obras estão apenas começando" — Newton Cardoso disse que não se sentiu derrotado pela Sistematização, pois foi seguido na tese que defende, pelos constituintes que lhe são fiéis.